

Telma Silva

telmajoana@gmail.com

Na rota de Domingos Rebelo

O presente artigo baseia-se na Dissertação de Mestrado intitulada “A Investigação e Curadoria como um Processo Comum, Estudo da Coleção e Proposta Expositiva sobre Domingos Rebelo”, desenvolvida no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, segundo a orientação da Professora Doutora Alice Semedo.

This article is based on the Master's Dissertation entitled “A Investigação e Curadoria como um Processo Comum, Estudo da Coleção e Proposta Expositiva sobre Domingos Rebelo”, developed in the context of the Museology Master degree course at Oporto University Humanities Faculty, under the supervision of Professor Alice Semedo.

Resumo

Este trabalho incidiu na investigação sobre a coleção do artista micalense Domingos Rebelo. Para realizar esta pesquisa, foi necessário recorrer a diversas metodologias de estudo, entre as quais, entrevistas a artistas, colecionadores particulares e familiares do próprio artista.

A obra de Domingos Rebelo foi fortemente influenciada pelo Movimento Regionalista açoriano. Este fator contribuiu diretamente para o seu afastamento do panorama modernista português.

Atualmente a sua obra tem alcançado um lugar de destaque, enquanto memória coletiva de um povo.

Palavras chave

Estudo de Coleções, Arte, Regionalismo, Domingos Rebelo

Nota biográfica

Telma Joana Silva é licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes do Porto, posteriormente frequentou uma Pós Graduação em Museologia e o Curso de Mestrado em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Realizou dois estágios curriculares, um no Museu de Serralves e outro nas Reservas dos Museus Municipais do Porto. Atualmente desempenha funções no Serviço Educativo do Museu Carlos Machado onde está afeta ao Projeto Museu Móvel, função que lhe proporciona trabalhar diretamente com diferentes públicos. Tem especial interesse nas áreas de museus e comunicação e de inclusão social.

Abstract

This work is focused on the research of the collection of the artist Domingos Rebelo. Different study methodologies were used, including interviews with other artists, private collectors and the family of the artist itself.

Domingos Rebelo's work was strongly influenced by the Regionalist Movement in the Azores. A fact that contributed directly to his detachment from the Portuguese modernist scene.

Currently, his artworks have achieved a prominent place as representative of the collective memory of a people.

Key words

Collection Studies, Art, Regionalism, Domingos Rebelo

Biographical note

Telma Joana Silva is graduated in Sculpture by the Porto Fine Arts Faculty. Later she attended a postgraduate programme in Museology and completed the master in Museology, both at the Humanities Faculty of the University of Porto. During her studies she held two internships, one at the Serralves Museum and other in Porto's Municipal Museum. Currently she is employed at the Education Service of the Museum Carlos Machado where she integrates the Mobile Museum Project. Her daily tasks involve working directly with different audiences. She has a special interest in the fields of museum communication and social inclusion.

Introdução

Este breve artigo baseia-se em algumas das questões abordadas durante o Curso de Mestrado em Museologia, onde foi realizado um estudo sobre a coleção do artista Domingos Rebelo (1891-1975) e apresentada uma proposta expositiva sobre a mesma. A investigação desenvolvida durante este período académico, resulta numa sincera e humilde contribuição para a divulgação deste legado artístico, tendo sido, porém, incompleta face à quantidade de objetos observados.

O Museu Carlos Machado, localizado na cidade de Ponta Delgada, dispõe de cerca de 200 obras de Domingos Rebelo. Este é informalmente reconhecido entre os profissionais do museu, como um dos principais percursos da Arte Regionalista Açoriana. Apesar da importância desta coleção, não existe um estudo adequado sobre este autor e sobre a sua obra. Esse facto despertou o mote que levou ao estudo da Coleção Domingos Rebelo.

Para a realização deste estudo não se encontrou nenhum Modelo de Estudo de Coleções que se ajustasse, na totalidade, aos campos de investigação que se pretendia aprofundar. Todavia, o modelo apresentado por Susan Pearce (1994) foi aquele que mais se adaptou à pesquisa, nomeadamente por apresentar os campos macro e micro em que se inserem os objetos, como também o seu significado emocional e psicológico. Durante o processo de investigação elegeram-se como técnicas de recolha de informação: a análise documental (documentos oficiais e pessoais); as entrevistas

semi-diretivas (através de guiões de entrevista e análise de conteúdos); e a utilização de fotografias e gravações áudio.

As entrevistas realizadas ao neto do artista Jorge Rebelo, ao antigo Diretor do Museu Carlos Machado Nestor de Sousa, ao pintor Urbano Resendes e à galerista Graça Toste, foram essenciais para compreender os fatos relevantes sobre a vida e obra do artista. Deve-se, ainda, salientar que Jorge Rebelo ao disponibilizar uma vasta quantidade de documentação sobre o seu avô, como por exemplo, fotografias, cartas, esboços e estudos, apadrinhou esta investigação, contribuindo, significativamente, para o sucesso deste trabalho. Na cidade de Lisboa, realizaram-se diversas fotografias de pinturas de Domingos Rebelo, especificamente na Assembleia da República e na Igreja São João de Deus. Na tentativa de encontrar novas informações sobre esses trabalhos - trabalhos de índole institucional que o artista realizou para o estado e igreja católica - contactaram-se os responsáveis pelo Museu e Arquivo da Assembleia da República. Além da informação recolhida sobre os mesmos, encontrou-se também uma nova versão da obra de Domingos Rebelo, os *Emigrantes*, relativo ao espólio do Museu do Chiado. Em Ponta Delgada visitaram-se espaços ligados à Coleção Domingos Rebelo, que ainda permaneciam iguais desde a vida do artista. Os registos fotográficos que advieram desse trabalho revelaram-se de insubstituível importância, porque permitiram assinalar espaços que, entretanto, já sofreram alterações.

Na primeira parte deste artigo apresenta-se um sumário sobre os principais acontecimentos da vida do artista. Essa primeira abordagem foi fundamental para o estudo desta coleção, visto que a sua obra é constantemente sujeita a traços biográficos e, partindo desse estudo, compreenderam-se as suas opções e condicionantes artísticas. Posteriormente, realizou-se um estudo preliminar sobre a Coleção Domingos Rebelo no contexto museológico e expositivo.

Apontamentos bibliográficos sobre Domingos Rebelo

Domingos Rebelo nasceu em Ponta Delgada, na Rua da Esperança, a 3 de Dezembro de 1891, sendo filho de José Eduardo Rebelo e Georgiana Augusta Pereira. A sua infância foi passada com os seus três irmãos e pais numa casa modesta, entre as aulas particulares, para aprender a ler e escrever, e os ensinamentos cristãos. A sua educação cristã começou no Instituto Fischer, com professores missionários da Congregação do Espírito Santo, e ficou sempre presente na sua obra, como se compreenderá de seguida. Ainda jovem frequentou a Escola de Artes e Ofícios Velho Cabral, onde os professores, João Cordeiro e Artur Viçoso May, este último Diretor da Escola, se aperceberam do seu talento natural para as expressões artísticas, incentivando-o a expor pela primeira vez, quando tinha apenas treze anos. Essa apresentação reuniu três dos seus trabalhos e realizou-se na loja de comércio *Louvre Micaelense*. O Conde e Condessa de

Albuquerque, Duarte Manuel Albuquerque e Maria de Andrade Albuquerque, apreciadora e amadora de pintura, observaram essa mostra e decidiram oferecer uma bolsa de estudo para Domingos Rebelo continuar a sua formação artística em Paris. A 18 de Outubro de 1907, com 15 anos, Domingos Rebelo partiu para Paris, onde estudou durante seis anos na Academie Julian e Academie Grande Chaumière. Na Academie Julian, foi aluno de Naudin, Jean Paul Laurens e do seu filho, Albert Laurens. Na Grand Chaumière contactou com os mestres Lucien Bonnat e Jobbé Duval, professores que foram determinantes para a sua evolução artística, nomeadamente no estudo das composições pictóricas, na ilustração satírica e na pintura de cenas históricas. Este período académico foi fundamental para o artista, não só pelos conhecimentos apreendidos através das academias, como pelas amizades travadas com outros artistas portugueses e internacionais. Desses contatos destacam-se os artistas Eduardo Viana, Manuel Bentes, Francisco Smith, Emmérico Nunes e Amadeo de Souza Cardoso.

Em Março e Abril de 1911, em Lisboa, Domingos Rebelo participou na exposição denominada “Arte Livre”, organizada por Manuel Bentes, onde foram reunidas obras de vários artistas residentes em Paris, especificamente, Francisco Smith, Emmérico Nunes, Francisco Alvares Cabral, também micalense, Alberto Cardoso, o brasileiro Roberto Colin e posteriormente Eduardo Viana. A exposição pretendia romper com a linguagem académica instituída pelas academias do Porto e de Lisboa, defensoras do Naturalismo. No entanto, os trabalhos

apresentados nada se afastaram desta estética, a única atitude revolucionária, manifestou-se apenas através da expressão “Arte Livre”. Em Maio 1912, Domingos Rebelo participou na I Exposição de Humoristas Portugueses, dirigida pelo filho de Rafael Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo, em Lisboa. Nesta apresentação participaram também, Emmérico Nunes, Almada Negreiros, Jorge Barradas, Cristiano Cruz e o escultor Canto da Maia. Nesse mesmo ano, entre Abril e Junho, em Paris, Domingos Rebelo participou no Salão dos Humoristas, organizado pelo jornal *Le Rire*, com os trabalhos, “D. Quixote e a sua Aventura com os Porcos”, “D. Quixote na sua Aventura com os Moinhos” e “D. Quixote em Batalha com as Couves”.

Ao longo da sua vida, Domingos Rebelo realizou dezenas de exposições, tanto nacionais como internacionais, quer individuais como coletivas. Neste artigo apenas serão mencionadas algumas destas apresentações.

Em Lisboa, em 1914, Domingos Rebelo, juntamente com Dórdio Gomes, Mily Possoz, A. Bastos e Henrique Viana, participou numa exposição no Salão da Primavera Nacional de Belas Artes, onde foram denominados de “modernistas”. “A par destes humoristas, outros artistas da exposição de 1911 vinham a público, prossequindo uma obra de maior responsabilidade pictórica: e, no habitual Salão da Primavera SNBA, em 1914, Viana (e Domingos Rebêlo, Dórdio Gomes, Myli Possoz e A. Bastos) foram saudados como «modernistas», agrupados numa «parede

revolucionária», num «simpático esforço» de «novidade artística». O termo surgia, pela primeira vez, com sentido genérico e incerto, abarcando pintores de paisagem e retrato tanto quanto caricaturas - e desse modo ele foi adoptado no Porto, no ano seguinte, no título de uma Exposição de Humoristas e Modernistas. Assim se realizava a junção de duas situações mentais, confundidas num gosto comum, sensível e, sobretudo mundano.” (França 1991, 10).

Paralelamente à sua presença em exposições de carácter modernista, Domingos Rebelo continuou a apresentar em diversas exposições obras sobre ilha de São Miguel. De um modo gradual, começou afastar-se das influências modernistas “estrangeiras” que apreendera em Paris e passou a trabalhar de acordo com os costumes mais tradicionais. As exposições que se seguiram na sua terra natal, e das quais foi participando, foram muito importantes na dinamização da vida cultural da cidade. Uma comissão organizadora de exposições de Belas Artes, em Ponta Delgada, pretendia fazer na Ilha de São Miguel uma espécie de imitação do que se fazia no Continente, sob responsabilidade da Sociedade Nacional das Belas Artes. A Comissão Organizadora ficava com um lucro de 5% sobre as vendas dos quadros, para dar continuidade à realização de eventos culturais e organizar um fundo para futuras exposições, auxiliando a criação da Secção de Arte do Museu Municipal de Ponta Delgada (atual Museu Carlos Machado).

Após ter-se estabelecido definitivamente em São Miguel, a par da sua carreira artística, começou a trabalhar como professor na Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada – atualmente Escola Secundária Domingos Rebelo. Foi ilustrador e Diretor artístico da *Revista Açores*, realizou a cenografia do “Teatro Circo Avenida”, atual Coliseu Micaelense, e decorou o Palácio do Marquês Jácome Correia. Em 1922, Domingos Rebelo visitou o continente Americano, para estudar os seus conterrâneos emigrados. Quatro anos mais tarde pintou os “Emigrantes”, considerada a pintura icónicas da arte açoriana.

Apesar de residir em São Miguel, continuou a participar em inúmeras exposições no continente. É de salientar, a exposição no Salão de Festas de *O Século*, em 1937, onde a exposição de Domingos Rebelo foi inaugurada na presença do Presidente da República, Marechal Carmona.

Em 1939, em São Francisco da Califórnia, Domingos Rebelo representou a sua Ilha, através da pintura “Orações”, numa exposição realizada por vários artistas de todo o mundo, intitulada “Contemporary Art Of 79 Countries” e organizada pela Business Machines Corporation.

Em 1942 parte para Lisboa, onde reside até à sua morte. Neste período, além da sua atividade artística, começou a exercer funções como vogal correspondente da Academia Nacional de Belas Artes. Em Outubro de 1943, Domingos Rebelo foi nomeado Diretor da Biblioteca e Museu do Ensino Primário. Após a morte do artista Sousa Lopes, Domingos Rebelo e Joaquim Rebocho

finalizam os painéis do Salão Nobre da Assembleia da República.

Através de uma bolsa do Instituto de Alta Cultura, partiu para Itália em 1950. No mesmo ano, realizou os estudos dos três painéis que decoram a Igreja São João de Deus, edifício da autoria do arquiteto António Lino. No ano de 1960, Domingos Rebelo participou na inauguração do II Salão de Independentes no Minho, patrocinada pela Câmara Municipal de Braga e, em 1963, participou na 22.^a Exposição do Grupo de Artistas Portugueses que se realizou na cidade de Sintra. Em 1964, Domingos Rebelo realizou o projeto para a decoração do Palácio de Justiça da cidade, na sala de audiências. A temática do trabalho era referente à descoberta da Ilha e a nomeação de Cidade, à Vila de Ponta Delgada, por Dom João III a 2 de Abril de 1546. Ainda nesse ano, no mês de Maio, expôs no Círculo Cultural Luso Espanhol, na Embaixada Espanhola, sobre “A Paisagem e o Folclore Espanhol”, visto por artistas Portugueses. A última apresentação dos seus trabalhos em vida ocorreu em Outubro de 1971, na Exposição do Grupo de Artistas Portugueses, no Palácio da Foz, onde apresentou as pinturas a óleo “Sopa Económica” e “Vila Franca do Campo”. Domingos Rebelo faleceu a 11 de janeiro de 1975, dedicou a vida à sua arte, tendo sido merecedor de diversos prémios, tais como: Prémio Silva Porto, Prémio Rocha Cabral, Prémio Roque Gameiro e a Primeira Medalha da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Da arte regionalista à coleção de etnografia regional

Para começar o estudo desta coleção foi importante compreender a história dos objetos, nomeadamente sobre como é que estes chegaram à coleção de arte do Museu Carlos Machado. A escolha e aquisição das primeiras obras de arte de Domingos Rebelo demonstram o gosto e mentalidade do início do século XX, que incidia nas temáticas etnográficas, representando o povo, as tradições, a cultura e o *Regionalismo* açoriano.

O Diretor do museu, Luís Bernardo de Leite Athaíde, juntamente com um grupo de intelectuais da cidade de Ponta Delgada, fazia parte do movimento cultural açoriano, designado como *Regionalismo*. O Movimento Regionalista surgiu em finais do século XIX, em São Miguel, e desenvolveu-se baseado nos ideais do Professor José Leite de Vasconcelos. O partido autonomista açoriano tinha como objetivo a sua autonomia distrital, que veio a concretizar-se a 2 de março de 1895. Este partido foi a semente do Movimento Regionalista que influenciou e condicionou as artes açorianas durante as décadas seguintes.

Devido à insularidade, os Açores mantinham e conservavam as tradições já fragilizadas ou desaparecidas do Continente. O arquipélago caracterizava-se como um dos centros etnológicos mais ricos de Portugal.

No início do século XX, no Museu Carlos Machado iniciou-se uma coleta de objetos

etnográficos, primeiramente por Luís Bernardo Athaíde e, mais tarde, por Alfredo Bensaúde e Armando Côrtes-Rodrigues, no sentido de se retratar e salvaguardar as características açorianas. O poeta Armando Côrtes-Rodrigues e o colecionador Luís Bernardo de Leite Athaíde defendiam que se deveriam criar pontos comuns em todas as ilhas, para transformar os Açores e as suas gentes numa terra forte, próspera e progressista. Este sentimento patriótico assentava nas ideologias nacionalista do Estado Novo que, a partir de 1933, travou o movimento artístico modernista nacional e incentivou as artes tradicionais e populares.

A designada *Arte Regionalista*, inspirava-se nos motivos populares, tal como se verificava na arte naturalista continental, onde as temáticas preferidas pelos artistas eram os motivos bucólicos, populares, cenas do quotidiano rural e urbano.

Neste fervor de ideais autonomistas e regionalistas, Domingos Rebelo foi convidado a participar na museografia do Museu Açoriano. Supõe-se que esse período terá decidido a principal característica da sua obra, a corrente regionalista, porque ao longo da sua vida sempre deu preferência a pinturas de carácter etnográfico e sentimental, mostrando o seu incondicional apreço pela sua terra natal.

“Ao iniciar uma coleção dedicada à arte no Museu Carlos Machado, o seu iniciador, Luís Bernardo de Leite Athaíde, amplia a vocação do museu: fazer dele uma instituição de âmbito regional em toda a complexidade das suas

abordagens. Nasce então, também, o projecto da criação de uma colecção de etnografia regional, concretizado vários anos mais tarde. A constituição de uma colecção de arte é o resultado de uma constatação: na região abundam talentos e saberes que não dispõem nem de protecção institucional nem de reconhecimento ou de estímulo.” (Stichelmans 2009, 30).

O primeiro núcleo de pintura do Museu Carlos Machado foi composto por algumas obras de Veloso Salgado, Carlos Reis, Ezequiel Pereira, António Saúde, Ernesto Condeixa e Domingos Rebelo. “Em 1913 comecei a formar a secção de arte. A alguns artistas e amigos do museu propus a organização de certames de arte em Ponta Delgada, aos quais concorressem os pintores portugueses de então, com o fim principal de, com o produto das entradas do público, e a percentagem sobre as vendas, adquirimos quadros para a nova secção.” (Athaíde 1944, 12).

Aquando a realização deste trabalho de investigação, a Coleção Domingos Rebelo era composta por cerca de 198 objetos, dos quais 111 eram provenientes da casa do poeta Armando Côrtes-Rodrigues, amigo do artista. A tipologia dos objetos era variada, desde miniaturas realizadas para a museografia da Coleção de Etnografia Regional, a desenhos, pinturas e caricaturas.

A 10 de junho de 1975, o Diretor do Museu Carlos Machado, Nestor de Sousa, conseguiu reunir 300 obras do artista, como descreve na

entrevista realizada neste estudo: “Algumas obras do Museu Carlos Machado, outras de pessoas particulares, instituições, como a Igreja da Matriz, Junta Geral, meus parentes, casa do Armando Côrtes-Rodrigues, etc. Eu tinha 300 peças, mas já não cabiam mais. A exposição juntou 263 pinturas (...)” (entrevista a Nestor de Sousa, 21 de maio de 2010, Ponta Delgada).

O historiador Nestor de Sousa foi Diretor do museu entre 1975 e 1985, no entanto, o gosto da época pouco pareceu ter mudado desde os inícios do século XX, uma vez que continuou a preferir adquirir-se obras de Domingos Rebelo de cariz etnográfico, em vez de obras com influências modernas. Relativamente à aquisição e seleção de obras de Domingos Rebelo enquanto Diretor do museu, referiu:

“(...) o «Retrato de Alfredo Meunier», «Vinhas», «Retrato Maria do Carmo Berquó de Aguiar», «Vista de uma Rua de Viseu», também propus comprar aos herdeiros, ao filho João Rebelo, que emigrou para o Canadá. Este fez-me um orçamento de três telas do pai, escolhi as que eram da fase com influências impressionista de Domingos Rebelo, mas a Secretaria Regional da Educação e Cultura não deu o dinheiro, e ainda fez comentários quanto à qualidade das obras. (...)” (entrevista a Nestor de Sousa, 21 de maio de 2010, Ponta Delgada)

Um estudo sobre a coleção Domingos Rebelo

A importância e significado dos objetos museológicos pode assumir várias leituras consoante a época, o espaço e o discurso expositivo apresentado. Segundo a autora Susan Pearce (1994), os objetos podem ser estudados mediante a sua própria história e a história enquanto objeto museológico, inseridos numa coleção de museu. “This conveniently divides into two: its 'own' history, that is the details (in so far as these may be recovered) of its maker and manufacture, and its use in its own time and place; and its subsequent history of collection, publication and exhibition.” (Pearce 1994, 130).

Seguindo esta perspetiva, apresentam-se três exposições do artista e da coleção em estudo realizadas em épocas distintas.

A “Exposição de Pintura Domingos Rebello” realizada em 1926

A “Exposição de Pintura Domingos Rebello” foi organizada pelo próprio artista em novembro de 1926 na Rua do Provedor, na cidade de Ponta Delgada. O objetivo desta apresentação visava a comercialização das obras, desse modo, a preocupação consistiu em expor os trabalhos que o próprio autor considerou de melhor qualidade.

O nome da exposição foi atribuído em concordância com a assinatura do artista, que após a sua estada em Paris, passou a assinar *Domingos Rebello*, tendo posteriormente voltado a mudar a sua assinatura entre as

variantes *D. Rebelo*, *Domingos Rebêlo* e *Domingos Rebelo*.

Na exposição estavam presentes 31 telas a óleo, 11 desenhos a carvão, 3 desenhos a pastel e 7 desenhos a pena. O discurso expositivo foi organizado tematicamente. Os retratos encontram-se agrupados, assim como as paisagens. Nas extremidades da sala, Domingos Rebelo colocou as duas obras de maiores dimensões, o tríptico “Natal” e o quadro os “Emigrantes”, ambos atualmente na coleção do Museu Carlos Machado.



Figura 1 Exposição Realizada por Domingos Rebelo, em 1926. Fotografia Realizada Provavelmente pelo Estúdio de Fotografia Toste, em Ponta Delgada © Jorge Rebelo, 1926

Partindo da observação das fotografias cedidas pelo neto do artista, aquando esta investigação, observa-se que existiu a preocupação de incluir o máximo de obras possíveis no espaço disponível. As telas de maiores dimensões marcavam o espaço de visão, maior e menor altura, as restantes foram colocadas lateralmente, dentro da margem sugerida pelas telas de maiores dimensões, formando uma fila única e compacta.

A museografia foi realizada ao gosto da época, apresentando uma disposição de plantas e tecidos de qualidade. Como foi uma exposição

com fins comerciais, o catálogo disponibilizava o título e preço das obras, com o valor em escudos.

Pintura a oleo		
1	Retrato da Ex. ^{ma} Sr. ^a D. Maria Christina May do Ex. ^{mo} Sr. Arthur J. Vicoso May	
2	do Ex. ^{mo} Sr. Marquez de Jacome Corrêa da Ex. ^{ma} Sr. ^a D. M. J. d'O. Rebelo do Luiz	
3	Triptyco do Natal	
4	Emigrantes	
5	Na tenda do ferrador	4.000\$000
6	Os velhos	4.000\$000
7	No terraço	3.500\$000
8	Frucios	800\$000
9	Natureza morta	400\$000
10	No jardim	350\$000
11	Rosinha	600\$000
12	No quintal-da-tia-Gloria	350\$000
13	No quintal	400\$000
14	Casas d'Agua-de-Pau	300\$000
15	A igreja d'Agua-de-Pau	200\$000
16	Casas pobres (Agua de Pau)	250\$000

Figura 2 Catálogo da “Exposição Pintura Domingos Rebelo”, Realizada em novembro de 1926. Digitalização do Catálogo Original, em Lisboa © Jorge Rebelo 2010

A “Exposição Retrospectiva de Mestre Domingos Rebelo” realizada em 1975

A exposição “Retrospectiva de Mestre Domingos Rebelo” foi inaugurada dia 10 de junho, de 1975. O principal objetivo desta apresentação consistiu em homenagear o artista Domingos Rebelo, falecido pouco tempo antes, a 11 de janeiro de 1975. O Diretor do museu, Nestor de Sousa, com ajuda de toda a comunidade açoriana, conseguiu reunir o número máximo de obras alguma vez alcançado, cerca de 300 obras de Domingos Rebelo. Durante a organização da exposição foi colocado um anúncio no jornal *Açores*, a 15 de abril de 1975, onde se solicitava a colaboração de todos os que possuísem obras de Domingos Rebelo, para que estas constassem na exposição retrospectiva em sua homenagem.

Na capa do catálogo foi reproduzido um pormenor da obra os “Emigrantes” – o casal que se encontra abraçado – que, segundo Jorge Rebelo, representa o próprio artista e a sua

esposa, Maria Josefina. O catálogo foi composto e impresso na Tipografia Aníbal, situada na Rua Margarida de Chaves, n.º123, Ponta Delgada.



Figura 3 Artigo do jornal *Açores*, 15 de abril, 1975. Recorte de jornal cedido pelo Museu Carlos Machado. Fotografia de Telma Joana Silva, em Ponta Delgada © Telma Joana Silva, 2010

No dia 6 de junho de 1975, o Museu Carlos Machado realizou uma pré-inauguração em horário noturno, com todos os que haviam contribuído para a realização da exposição. A comissão de honra foi convidada pelo próprio Diretor e era composta pelo Escultor Canto da Maia, Engenheiro Francisco Pacheco de Castro, Gaspar Read Henriques, João Bernardo de Oliveira Rodrigues, Rui Galvão de Carvalho e os arquitetos, Domingos Correia Rebêlo e João Correia Rebêlo. A comissão executiva era constituída por Luciano Mota Vieira, Rui Guilherme de Moraes, Tomás Vieira, Cláudio Ramos e Nestor de Sousa.

Esta retrospectiva foi a primeira a ser realizada sobre um artista açoriano no Museu Carlos Machado. Segundo o artigo do jornal *Diário dos Açores* (publicado 5 de julho, de 1975), no mês de abertura da exposição, segundo as estatísticas do museu, foram registadas 2.032 visitas individuais, 80 visitas de grupo, 25 visitas de turistas internacionais e 814 visitas de estudo. Durante os dois meses em que decorreu esta exposição, o Museu Carlos Machado recebeu

mais de 4.500 visitantes, tornando-se um marco no contexto museológico açoriano.

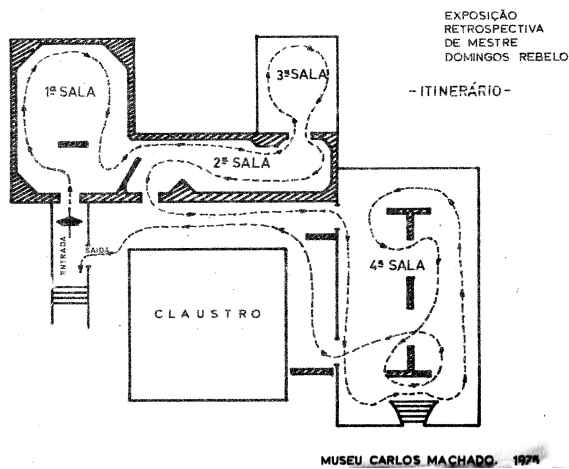


Figura 4 Itinerário da Exposição Retrospectiva de Mestre Domingos Rebelo, catálogo cedido pelo Museu Carlos Machado. Fotografia de Telma Joana Silva, em Ponta Delgada © Telma Joana Silva, 2010

A exposição “O Mestre Domingos Rebelo” realizada em 1987

A exposição realizada pela Galeria Arco 8, com direção a cargo de Graça Toste, contou com a colaboração do artista Urbano Resendes e Carlos Lacerda. Esta apresentação foi realizada dia 8 de Dezembro, de 1987. A forma como se compreendeu a Coleção Domingos Rebelo foi inovadora, pela seleção dos objetos e do espaço expositivo. A escolha dos objetos incidu nos registos de pequenos formatos, estudos a óleos e desenhos, que surpreenderam pela técnica e qualidade. O espaço expositivo da Galeria Arco 8 era a antiga casa e atelier do artista, designada como casa do Papaterra, devido à localização da mesma, edificada frente à atual Escola Secundária Domingos Rebelo.

A exposição foi realizada no rés-do-chão da moradia (atelier) e estava organizada por temáticas – retrato, figura humana, paisagem -

e pelas técnicas de desenho e pintura. Nesta exposição foram apresentados, pela primeira vez, trabalhos do autor que ainda permaneciam desconhecidos do grande público, porque não eram entendidos como obras de arte finalizadas e com valor de carácter expositivo.



Figura 5 Exposição “O Mestre Domingos Rebelo”. Fotografia de Galeria Arco 8, em Ponta Delgada © Galeria Arco 8, 1987

Uma coleção, diferentes perspetivas?

Como se referiu primeiramente, para a autora Susan Pearce (1994), os objetos podem ser estudados mediante a sua história como objeto museológico. Além do estudo realizado anteriormente, também se observaram, em concreto, alguns objetos (3 pinturas, 6 caricaturas e 21 miniaturas) da Coleção Domingos Rebelo. Esse interesse particular partiu pelo modo como estes objetos têm materializado diferentes leituras e perspetivas, consoante o discurso expositivo em que foram inseridos ao longo de diferentes épocas.

Os objetos adquiridos pelo Museu Carlos Machado da autoria de Domingos Rebelo, fizeram parte do primeiro núcleo da Coleção de Arte do museu. Toda a temática regionalista em

que se inseriam as obras era apreciada e, diga-se, uma condição para a seleção dos objetos da Coleção de Arte. Todavia, apesar de pertencerem a esta coleção, as pinturas “Indústria Micaelense”, “O Vendilhão de Laranja” e a “Procissão de São Pedro Gonçalves”, foram descontextualizadas dos espaços expositivos dedicados à Coleção de Arte e reintegrados no discurso expositivo referente à “Sala da Pesca e Agricultura”, supõe-se que esta mudança tenha ocorrido na década de 70, sob direção de Nestor de Sousa.

Uma vez que estas obras ilustravam e completavam o discurso expositivo dedicado à Coleção de Etnografia Regional, será que estas pinturas, contextualizadas nesse espaço, passaram a servir de museografias? Observando este exemplo, pressupõe-se ser ambíguo o conceito e significado atribuído a estes objetos. Essa dualidade de perspectivas é uma constante nesta coleção. Assumindo que o legado artístico de Domingos Rebelo poderá ter ambas as valências, artístico e etnográfico, como é que o contexto expositivo influencia essa apreciação?

Em 1939, Domingos Rebelo realizou uma série de miniaturas especificamente para integrarem a Coleção de Etnografia Regional do Museu Carlos Machado. Ao contrário das pinturas observadas anteriormente, estes objetos eram de carácter museográfico, serviam para contextualizar, complementar e ilustrar a Coleção de Etnografia Regional. Contudo, na exposição “Retrospectiva de Mestre Domingos Rebelo”, de 1975, estas apareceram no contexto expositivo da Coleção de Arte de Domingos

Rebelo e a comunicação social da época, escreveu o seguinte:



Figura 6 Sala de Exposições Pesca e Agricultura, Museu Carlos Machado. Fotografia de Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada © Museu Carlos Machado, cerca de 1985

“Guardo para o fim uma referência ao que a mesma inspiração levou o Artista a produzir no campo da Escultura. Reporto-me à preciosa coleção de bonecos (...) esculpiu em madeira, para o museu” (Costa 1975,4).

Neste sentido, interroga-se sobre o significado atribuído às museografias. No contexto expositivo da exposição Retrospectiva de Mestre Domingos Rebelo terão sido interpretadas como esculturas e objetos artísticos?

“A secção de Etnografia muito lhe deve, pois foi ele quem compôs aquelas figuras de pescador, dos oleiros e outras como se fosse escultor”, escrevia o Engenheiro Francisco Xavier Vaz Pacheco de Castro, no catálogo da referida exposição, em Abril de 1975. (Sousa 1975).



Figura 7 “Mulher Montada num Burro” e “Homem que Conduz o Burro”. Museografia Realizada por Domingos Rebelo em 1939. Fotografia de António Pacheco, em Ponta Delgada © Museu Carlos Machado, 2007

Ainda referente à exposição de 1975, também é pertinente observar o caso das caricaturas da Coleção Domingos Rebelo. No catálogo da exposição, o Diretor Nestor de Sousa descreve:

“A pobreza das instalações do museu, a míngua de meios materiais e outras dificuldades (...) determinaram que se adoptasse um critério cronológico, eventualmente quebrado por falta de elementos (...) ou ainda, como é o caso das caricaturas (...) o carácter particular dos trabalhos, constituiu nelas um núcleo autónomo.” (Sousa 1975).

Pertencentes à Coleção Domingos Rebelo, o conjunto de seis caricaturas realizadas em 1926 também têm sofrido diferentes perspetivas ao longo da sua história enquanto objetos museológicos. Como se referiu acima, para o Diretor Nestor de Sousa, a caricatura, devido às suas particularidades formais, não foi contextualizada no discurso expositivo cronológico dedicado ao autor. No entanto, na exposição realizada em 2010, denominada “A República e a Modernidade: Revelar, Renovar,

Regressar”, as mesmas caricaturas foram interpretadas e destacadas pelo seu carácter moderno, exemplo do pensamento e atitude do modernismo açoriano. “ (...) série de «retratos» irónicos, senão mesmo corrosivos, de figuras, de grupos e classes sociais, que Domingos Rebelo realiza em 1926 (...)” (Reis 2010, 23).

Ainda na mesma exposição, também é interessante observar a dualidade de significados atribuídos à Coleção Domingos Rebelo. As caricaturas são contextualizadas junto da vertente modernista da exposição, enquanto que o núcleo expositivo, dedicado a Domingos Rebelo, realça a nostalgia aos padrões regionalistas/naturalistas. “A inegável importância destes traços na valorização da cultura portuguesa e açoriana não pode ser dissociada da sua natureza anti-cosmopolita (...) anti-moderna (...)” (Reis 2010, 121). As questões surgem continuamente e supõe-se que a Coleção Domingos Rebelo possa ser interpretada sob várias perspetivas. Esta pode ser entendida como Arte, Arte Regionalista, pintura etnográfica, exemplo de modernidade açoriana, entre múltiplas leituras e significados determinados pelo observador que a contempla.

Considerações finais

Como se compreendeu, a obra artística de Domingos Rebelo é uma referência açoriana. Contudo, ainda se encontra pouco divulgada em Portugal continental, apesar de existirem trabalhos do pintor em diversos museus nacionais, como por exemplo: o Museu do

Chiado, o Museu da Guarda, o Museu Nacional do Teatro, entre outros.

Relativamente à sua importância no panorama museológico contemporâneo, ter-se-á que observar a coleção Domingos Rebelo do ponto de vista regional e açoriano. O seu legado artístico apresenta-se mensurável ao nível da qualidade técnica, no entanto, o facto de se ter associado à estética Naturalista/Regionalista distanciou-o dos seus contemporâneos modernistas portugueses. Poderia entender-se que a obra de Domingos Rebelo marcou uma época e uma região, não deixando de ser plausível essa afirmação, é também verdade que, atualmente, a sua obra tem alcançado um lugar de destaque enquanto memória coletiva de um povo. A comunidade açoriana ainda parece identificar-se com a obra de Domingos Rebelo, como espelho da sua memória identitária, já perdida e desconhecida.

A Coleção Domingos Rebelo pode ser compreendida sob diferentes perspetivas, consoante a época, o discurso expositivo em que é contextualizada e o *background* do próprio observador. Atualmente, lembrando a mentalidade do início do século XX, tem-se revalorizado e salvaguardado o património etnográfico açoriano através do estudo e divulgação do artesanato, das produções agropecuárias e da exaltação das paisagens açorianas. Esta perspetiva contemporânea parece um revivalismo do Regionalismo Açoriano, nela emergindo a importância da Coleção Domingos Rebelo.

Referências bibliográficas

Athaide, Luís Bernardo Leite de. 1944. *As Secções de Arte e Etnografia do Museu de Ponta Delgada*. [1ª Edição]. Ponta Delgada: Oficina de Artes Gráficas.

Costa, Carreiro da. 1975. A Inspiração Folclórica na Obra de Domingos Rebelo (Ponta Delgada), 21 de junho. *Diário dos Açores*. N. 28.813.

França, José Augusto. 1991. *O Modernismo na Arte Portuguesa*. 3ª Edição. Lisboa: Biblioteca Breve / Volume 43
Disponibilizado em: http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc_details.html?aut=5 [acedido em 26 de Maio de 2010].

Pearce, Susan. 1994. *Interpreting Objects and Collections*. 1.ª Edição. London: Routledge.

Reis, Vítor dos, Bandeira, José e Medeiros, Margarida. 2010. *A República e a Modernidade: Revelar, Renovar, Regressar*. 1.ª Edição. Ponta Delgada: Presidência do Governo dos Açores, Direção Regional da Cultura, Museu Carlos Machado.

Sousa, Nestor de. 1975. *Nota Explicativa. D. Rebelo*. 1.ª Edição. Ponta Delgada: Museu Carlos Machado.

Stichelmans, Anne e Melo, Duarte. 2009. *Museu em Sua Casa, Reflexos de uma Insularidade*. 1.ª Edição. Ponta Delgada: Museu Carlos Machado.

